

seus conteúdos giram em torno de 1) cultura e sociedade tecnológica, 2) as interfaces corpo e tecnologia, 3) performances no ciberespaço e 4) questões midiáticas contemporâneas. Elaborados por cerca de quarenta autores, os artigos refletem a busca da compreensão do estado do fazer – fazer artístico e científico – da criação em novas tecnologias. Trata-se, na maioria das vezes, da visão de artistas-pesquisadores que desenvolvem estudos sobre o campo em que exercem suas práticas artísticas. No entanto, é notável também a presença nesta coletânea de teóricos que – como bússolas – norteiam e avaliam o pensamento existente hoje no campo do corpo em suas manifestações midiáticas.

Os pontos principais e mais significativos são desenvolvidos, no primeiro caso, por pesquisadores-artistas como Diana Domingues, Gilberto Prado, Tânia Fraga, Anna Barros, Renato Cohen, Lali Krotoszynski, Suzete Venturelli, Johannes Birringer e a própria Maria Beatriz Medeiros. E, no segundo caso, são desenvolvidos por teóricos como Lucia Santaella, Evando Nascimento, João Gabriel Lima Cruz Teixeira e Bernard Stiegler.

Vale a pena ressaltar que as questões corpo-arte-tecnologia adquirem uma maior complexidade e discussão crítica a partir da presença de dois artigos que podem ser considerados semi-

nais para a compreensão dos conteúdos gerais do livro: o artigo “O Corpo cibernético e o advento do pós-humano” de Lucia Santaella e o artigo “Limites da arte e da tecnologia: em desconstrução” de Evando Nascimento.

Enquanto Santaella coloca o corpo humano sob interrogação, teoriza sobre a profunda crise de subjetividade que estamos atravessando e elabora uma visão semiótica e psicanalítica acerca dos novos desafios comunicacionais entre o ser humano e as máquinas, Nascimento oferece-nos um contraponto filosófico deconstrutor em torno a essas questões. De certa maneira, ele faz uma interpretação divergente ao chamar a atenção para os riscos políticos de assepsia e domesticação envolvidos nos processos de subjetivação com os meios tecnológicos, pedindo, para tanto, uma redimensão crítica desses pressupostos no contexto cultural.

Arte e tecnologia, em pontos de vistas diversos, porém complementares entre si, imprimem neste livro as traduções mais latentes da contemporaneidade. É sob a lógica das redefinições e reconfigurações que se mapeiam aqui os novos símbolos e códigos do homem em suas relações com a comunicação, com a vida e com o corpo nas interfaces com as máquinas digitais.

Christine Mello

LUCIA SANTAELLA

CULTURAS E ARTES DO PÓS-HUMANO: DA CULTURA DAS MÍDIAS À CIBERCULTURA. San Pablo: Paulus, 2003, 360pp. ISBN 85-349-2101-6.

Sou obrigado a confessar que, em uma primeira leitura desse livro, logo em seu lançamento, acabei por atravessar verticalmente os primeiros capítulos, e fui logo ao encontro dos capítulos que me interessavam. Mal podia esperar para ler esse livro que se propunha como uma continuação do ícone *Cultura das Mídias* (1992, 1996). Os capítulos, de um a sete, aparentemente abusavam de seu direito de traçar panoramas gerais. Sem merecer os panoramas que a professora Lucia Santaella consegue traçar em seus livros, tenho de considerar que eles pouco são se comparados às suas hipóteses e abordagens iluminadas, ou ainda à crítica sagaz que a autora faz, hoje quase sempre nas entrelinhas, aos intelectuais de rodapé e à ciência institucionalizada. Não tenho dúvidas de que seus panoramas e resumos não-reducionistas sejam de extrema ajuda aos estudantes, especialmente na graduação, e a sua bibliografia cirúrgica é referência obrigatória para mestrandos e doutorandos. Aliados ao seu estilo elegante e ao mesmo tempo claro de escrever, devem ter sido responsáveis pelo prêmio Jabuti dado ao seu livro anterior *Matrizes da Linguagem e do Pensamento* (2001).

É no oitavo capítulo que a autora apresenta-nos sua minuciosa classificação sobre “as múltiplas realidades do corpo”, que, embora apresentadas como “tão somente um levantamento”, são

posteriormente desenvolvidas no capítulo 12. As artes do corpo biocibernético, sob o norte que somente as artes conseguem nos apontar, fornecem uma importante chave para entendermos o pós-humano.

Nos dois capítulos seguintes, começa a retornar a autora de *Cultura das Mídias*, menos professora e mais crítica e pesquisadora. No capítulo sobre semiótica, reforça sua tese sobre o cérebro humano estar crescendo para fora da caixa craniana através dos signos produzidos pelas máquinas sensoriais e agora pelas máquinas cerebrais. No capítulo seguinte, retoma a semiótica psicanalítica com o alvo dirigido para o atual objeto de culto da pós-humanidade: o corpo. Infelizmente tais capítulos acabam com aquele gosto de “quero mais”, e a autora fica nos devendo um esmiuçamento maior de ambos. Por sorte em 2004, a autora cumpre parte de tal dívida com o livro *Corpo e Comunicação – Sintoma da Cultura*.

Por fim, sou obrigado a declarar a minha saudade das críticas pontuais apresentadas no *Cultura*, mas esta continuação não decepciona, e pode ser considerada uma das obras chave para se entender a passagem do pós-moderno ao pós-humano, com a vantagem de mostrar que fora do eixo Europa-USA, também acontece o pós-humano.

Roger Tavares